Educação Musical, Mundo do Trabalho
e a Construção de uma Sociedade Democrática
27º CONGRESSO NACIONAL ABEM
Curitiba | 03 a 07 de novembro 2025

A interdisciplinaridade por meio da trilha sonora: um relato de experiência

Comunicação

GTE 11 – Ensino de Música nas Escolas de Educação Básica

Janari Coelho Barbosa
Universidade de Brasília
janaribatera@hotmail.com

Resumo: O presente artigo relata a experiência de um estágio na disciplina de Estágio Supervisionado em Música do curso de licenciatura em Música da Universidade de Brasília, no período de dois meses em três turmas do 3º ano do Centro de Ensino Médio da Asa Norte. A apresentação se baseia no trabalho de regências que contribuíram para a aquisição do conhecimento no campo de atuação na educação básica, que proporcionaram a oportunidade de construir o perfil profissional do estagiário e sua busca individual como docente. O estágio foi baseado em um processo de ressignificação das práticas pedagógicas de forma interdisciplinar no desenvolvimento da autonomia em diferentes contextos educacionais. Dentro de um eixo temático intitulado Trilhas Sonoras no Ensino Médio, teve como objetivo orientar e preparar alunos para compor trilhas sonoras utilizando-as nos seus próprios trabalhos de audiovisual de forma musical e reflexiva.

Palavras-chave: trilhas sonoras; estágio supervisionado em música; interdisciplinaridade.

1. Introdução

O estágio em música é uma vivência voltada para potencializar o conhecimento e a habilidade docente do estagiário para que tenha um verdadeiro entendimento sobre a realidade de uma sala de aula, e que a principal razão para a escolha do curso de licenciatura em música não seja voltada ao “puro apreço pela música” (Mateiro; Borghetti, 2007, p. 99). Sendo assim, o estágio supervisionado da Universidade de Brasília é organizado dentro de quatro semestres: 1) Projeto de Estágio e Prática Docente, que prevê e a elaboração observações do projeto de estágio; 2) Estágio Supervisionado em Música 1 (doravante denominado ESM), que prevê a prática docente de ensino e aprendizagem musical com ênfase na Educação Infantil ou Ensino Fundamental, anos iniciais; 3) ESM 2, com ênfase no Ensino Fundamental, Anos Finais e Ensino Médio e; 4) ESM 3, em espaços diversificados de ensino

com ênfase na educação não formal e programas alternativos de música e projetos sociais. De acordo com o artigo 10 do Regulamento de Estágio Supervisionado da Universidade de Brasília (2022, p. 4), o estágio prevê formar professores de música que possam atuar "[…] preferencialmente em escolas públicas de Educação Básica, e em diferentes contextos de ensino e aprendizagem musical […]", a fim de superar padrões tradicionais do ensino de música, procurando uma ressignificação das nossas práticas pedagógicas. De acordo com Shiozawa e Protásio,

> O desenvolvimento da autonomia se dá não apenas nas disciplinas de estágio, mas em muitas outras situações, e depende ainda da busca individual e da observação da prática pedagógica de outros professores. Reafirmamos que o estágio supervisionado, em suas diferentes disciplinas, é visto como eixo articulador, e é fundamental para a formação pedagógica e musical do professor de música. Conhecer e atuar em múltiplos contextos educacionais permite o desenvolvimento de diferentes metodologias de ensino, possibilitando práticas pedagógicas relevantes durante o processo de construção da identidade profissional e do pensamento autônomo (Shiozawa; Protásio, 2017, p. 142).

Assim sendo, as disciplinas associadas ao ESM no Departamento de Música da Universidade de Brasília prezam pelo desenvolvimento da autonomia do futuro profissional em diferentes demandas dos contextos sociais em que ele poderá atuar. Desta forma, o presente artigo relata a experiência de um estágio na disciplina de Estágio Supervisionado em Música do curso de licenciatura em Música da Universidade de Brasília, no período de dois meses em três turmas do 3º ano do Centro de Ensino Médio da Asa Norte.

2. Fundamentação das práticas pedagógicas

Esse projeto de estágio foi desenvolvido para ser aplicado com alunos do 3º ano do nível médio do Centro de Ensino Médio da Asa Norte em Brasília. Com a falta de um professor específico da área de música para atuar como supervisor de estágio, foi-nos designado um professor da área de Artes Visuais. O que de início parecia uma limitação à prática do estágio, demonstrou-se uma oportunidade de desenvolver o caráter interdisciplinar da área, privilegiando a intersecção entre conteúdos, e expandindo o conhecimento e a vivência dos alunos. Essa perspectiva me levou a arriscar a uma abordagem temática pouco comum em

estágios supervisionados, pensando em como relacionar os parâmetros musicais com as atividades das artes visuais em um eixo temático comum. Em acordo com Anderson Toni,

> O eixo temático é uma possibilidade de organização das aulas a partir de um tema que pode relacionar diferentes objetivos musicais, sendo também reconhecido como uma possível estratégia de organização do ambiente e da tarefa de modo a buscar o engajamento dos estudantes (Toni, 2024, p. 12).

Isso ficou claro quando o professor mostrou um exercício audiovisual, no qual utilizou aplicativos para filmagem e edição de celular. A proposta do professor era abordar o tema do PAS[1] sobre o modernismo, onde grupos de alunos produzissem um curta autoral para um festival de curtas da escola. Assistimos a algumas atividades criativas dos alunos e percebemos que eles usavam somente as trilhas e efeitos sonoros extraídos de plataformas. Dessa forma, nossa sugestão foi a de substituir essas trilhas e efeitos padronizados por criações dos próprios estudantes, algo semelhante ao uso pedagógico da linguagem multimidiática na pesquisa de Alves (2021).

Com base nisso, foi proposto o eixo temático sobre Trilhas Sonoras no Ensino Médio para os filmes autorais dos alunos. Essa oportunidade de exercer a interdisciplinaridade no estágio é muito importante para quem quer trabalhar sua formação a fim de ressignificar a sua prática pedagógica, pois, como bem expõe Romanelli, o principal objetivo da música é

> formar o sujeito autônomo diante do mundo sonoro e musical no qual vive. Essa autonomia almejada na Educação Musical se reflete no desenvolvimento da capacidade que a criança tem para: 1. Fazer suas próprias escolhas musicais; 2. Estabelecer relações entre diferentes músicas e sons; 3. Cultivar a curiosidade sobre novas músicas e novos sons. (Romanelli, 2014, p. 66)

3. Trilha Sonora e Sound Design

A melhor explicação direta para definir o que é uma Trilha Sonora, é que ela consiste em todos os elementos que são audíveis em um universo sonoro de um trabalho cinematográfico: a voz, o ruído, a música e o silêncio. De acordo com Alves (2012, p. 92), a voz que está presente nos diálogos representa a palavra falada, o texto verbal. É o que carrega a narrativa e que mais se destaca entre os outros elementos, fornecendo

1 PAS significa Programa de Avaliação Seriada, que é um processo seletivo para o ingresso na Universidade de Brasília que avalia o desempenho do candidato em provas aplicadas ao longo dos três anos do Ensino Médio,

de forma gradual. Em vez de um único vestibular no fim do curso, o estudante é avaliado anualmente, e a pontuação final é uma média das provas das três etapas.

informações sobre a trama, desenvolvimento dos personagens e interações sincronizadas entre eles. Os ruídos acompanham a narrativa, empregados em referência aos sons que não sejam claramente musicais nem linguísticos, e que podem resultar nas ações imagéticas, utilizados como elemento criativo que participa ativamente da construção dramática e emocional das cenas (Alves, 2012, p.92). A evolução das produções de trilhas sonoras com o tempo dividiu os ruídos sonoros basicamente em três categorias:

1. *Ruídos de ambiente*, que são relativos à "paisagem sonora", a realidade interna da narrativa, o universo criado pelo filme. São "sons criados pela geografia ou clima e que raramente são ouvidos conscientemente pelas pessoas" (Alves, 2012, p.92). Por exemplo: os sons em uma cena de rua ou num restaurante, uma tarde chuvosa, ou uma manhã ao som de pássaros;
2. *Ruídos de efeito*, que são os famosos efeitos sonoros, os sons que são adicionados com a intenção real da cena, responsáveis em fornecer e transmitir informações que são perceptíveis no visual do filme. Por exemplo: o som de carros, aviões, tiros, explosões;
3. *Ruído de sala*, mais conhecido como foley, denominam um processo de recriar ruídos e ou sons especiais dentro do estúdio, para criar sonoridades a fim de expor as ações dos atores como, por exemplo, cocos para sons de cavalos e chapa de zinco para sons de trovões.

Num produto audiovisual, a música pode ser utilizada para transmitir a personalidade de algum personagem, além de destacar momentos de ação e a identidade do filme, no qual "a música exprime diretamente a sua participação na emoção da cena, dando o ritmo, o tom e o fraseado adaptados, isto evidentemente em função dos códigos culturais da tristeza, da alegria, da emoção e do movimento" (Chion, 2011, p. 14 apud Alves, 2012, p. 92).

Por fim, o uso estratégico do silêncio é um elemento poderoso, pois pode adicionar impacto e profundidade ao corpo das cenas. Schafer (apud Alves, 2012, p. 94) defende que o silêncio soa quando este interrompe o som ou se segue a ele, reverberando com o tecido daquilo que soava. Portanto, a Trilha Sonora engloba, no geral, os quatro conceitos acima, ou seja, todos os aspectos sonoros que existem em um filme, desde diálogos, silêncios, sons ambientes, e músicas.

4. Planejamento e relato das práticas pedagógicas

Desenvolvemos atividades com três turmas de adolescentes entre 16 e 17 anos, a maioria com gostos musicais semelhantes por causa do uso constante das redes sociais. As turmas continham poucos alunos, totalizando cerca de vinte alunos por turma, e poucas vezes presenciamos a sala com todos eles. Em geral tinham uma atitude desinteressada (uma grande parte não comparecia em algumas aulas) e, mesmo quando presentes, tinham comportamento disperso. Essas turmas de artes visuais são eletivas, ou seja, uma matéria opcional que não possui avaliação, e são escolhidas livremente pelo aluno entre algumas opções disponíveis. Desse modo, o estudante seleciona as disciplinas que melhor atendam seus objetivos profissionais ou que possam enriquecer sua experiência acadêmica. Nas primeiras regências, todos os estagiários já percebem como é complexo seguir seu plano de aula sem modificações. Logo, as adaptações surgem, e é necessário ter muita criatividade, e estar sempre pesquisando sobre o campo de atuação. Como é apontado que

> Saber música, saber tocar um instrumento musical, é, sem dúvida, um dos pilares da ação do professor de música, mas não pode continuar sendo a pedra angular sobre a qual se estrutura a formação desse profissional (Pereira, 2022, p.68)

É preciso avaliar cada realidade de cada momento que está sendo vivido por uma classe, para investigar como intervir de forma que os alunos possam aprender, e ao mesmo tempo se divertirem, sem tédio, sem abstrações demais ou mesmo complexo em atividades. Uma das dificuldades que professores de música da rede pública geralmente enfrentam é se deparar com um ambiente sem a estrutura necessária ou “ideal” para as aulas de música. Por isso, no contexto do Estágio Supervisionado, todo planejamento inicial acaba passando por um replanejamento. Esta é a importância das disciplinas de Estágio Supervisionado, pois de acordo com Mateiro e Téo (2014, p. 95), “o estagiário precisa conhecer seu espaço e suas limitações anteriormente à prática, para que esta se torne o retrato de um êxito acadêmico gratificante”. Passar por esses problemas agora, com o suporte de um docente orientador na graduação e um professor supervisor na escola, irá nos preparar para saber como lidar quando estivermos sozinhos.

Na escola em que atuamos, a estrutura que havia era apenas uma TV de 55 polegadas ligada a um notebook no cabo HDMI e uma caixa *bluetooth*, sem nenhum instrumento musical

disponível. Com base nisso, a estratégia foi trazer diversos instrumentos de percussão para utilizarmos na criação da trilha sonora, adicionando ritmo, textura e criação de efeitos sonoros. Ao mesmo tempo, utilizamos aplicativos de audiovisual e plataformas online para criar, editar, mixar e compartilhar músicas e vídeos, que podem ser acessados por praticamente todos os telefones celulares atuais com acesso à internet. Usamos as primeiras atividades de audiovisual como referência para a criação das trilhas sonoras. Aproveitamos o conhecimento do professor supervisor, com os temas que estavam sendo passados e a facilidade que os alunos tinham com os aplicativos para edição de vídeo.

Para o áudio, escolhemos gravar as trilhas com o aplicativo *Band Lab*, por causa da facilidade de uso, por ser acessível para todos os alunos poderem baixar no celular de forma gratuita, e poder fazer as edições e gravações direto pelo celular. Os próprios alunos já nos traziam os seus vídeos editados em aplicativos de suas preferências, enquanto na hora de editar os seus vídeos sincronizados com os áudios, usamos o Canva, por ser um aplicativo simples e gratuito.

Para chegarmos aos nossos objetivos usamos como referência o modelo C(L)A(S)P, do pesquisador e educador musical Keith Swanwick, com ênfase nas atividades de composição, execução e apreciação (Madureira, 2019, p. 141). As atividades iniciaram com a apreciação musical. Nosso processo foi conduzido por meio da escuta musical, com um vasto repertório de possibilidades criativas dos alunos. Nessa parte era importante destacar pontos comuns entre o que existe no ambiente em que os alunos vivem, dar importância em suas músicas, e interagir na sala de aula. Nessas atividades foram planejadas para que os alunos pudessem perceber sonoridades e movimentos corporais e/ou de cenas, para que juntos decidissem em respectivos grupos, um melhor processo de compreensão para atuarem sobre as peças apresentadas. Em seguida veio o processo de composição, sem as limitações que abrangem qualquer forma de estética musical. A atividade usou a estratégia de *brainstorm,* com imagens silenciadas, como se olhasse para um papel em branco à espera de cores, com resultados muito positivos.

Por fim, tivemos as atividades de execução musical. Execução como terceiro processo do ensino de música, não se restringe à alta performance. É o ato de estar ativo em contato com a linguagem de Trilhas Sonora. Sozinho ou em grupo, independentemente de técnicas virtuosísticas, pois a execução deve ser vista de forma diferente de como funciona em

conservatório, podendo inclusive ser pensada com um simples acompanhamento “de uma canção com palmas na apresentação formal de uma obra musical para uma plateia” (Swanwick, 1994 apud França, Swanwick, 2002, p. 14).

Nos nossos planos de aula, trabalhamos a parte da execução com instrumentos de percussão e a voz, de forma gradativa, com intuito de que, ao final do projeto, os alunos tenham compreendido a linguagem de uma trilha sonora, sentindo-se confortáveis e preparados para criar o que quiserem, sabendo diferenciar uma trilha sonora de uma trilha musical, ou mesmo trabalhar uma sonoplastia, para criar ideias musicais básicas usando apenas seu senso crítico auditivo, com recursos de programas digitais para edição de áudio.

5. Planos de aula

Nessa seção, serão apresentados os planos de aula e como eles foram realizados.

5.1. Trilha Sonora: Luzes da Cidade de Charles Chaplin

No primeiro plano de aula, criei para as três turmas, uma aula usando slides com imagens e vídeos para explicar, de forma mais simples possível, o conceito de trilha sonora, sonoplastia e trilha musical, incluindo várias atividades. No início, as três turmas começaram bem desinteressadas com o conteúdo do slide. Poucos momentos chamaram a atenção deles, até o momento em que foi apresentada uma diversidade de instrumentos de percussão: surdo, ganzá, queixada, agogô, chocalhos e outros efeitos. Aquele momento foi importante, pois gerou interesse na turma. Em seguida, foi demonstrado uma criação de trilha sonora com os instrumentos de percussão por meio da cena do boxe do filme Luzes da Cidade de Charles Chaplin[2]. Por meio da sincronia visual, foi sugerido usar o surdo para a dança, o chocalho para os movimentos, o agogô para a pancada e um pilão de alho de metal para o sino do boxe.

2 Esta cena está disponível no link https://youtu.be/o9NfXIXzgnA?si=MQ8zmxtQXwL0ydO9

5.2. Festival de Curtas: criando trilhas sonoras

Na segunda aula, o professor supervisor estava seguindo a sua ideia do festival dos curtas, colocando os alunos para mostrarem o trabalho dos trailers que criaram e, enquanto eles faziam a apresentação, pedimos para que anotassem ideias sobre as trilhas de todos os trailers apresentados. A aula teve que ser adaptada para seguir o plano sem descaracterizar o trabalho do professor supervisor. Assim, conversamos com eles sobre os pontos que ajudariam a conceituar algo para a trilha deles, já que a maioria dos filmes seriam de suspense. Na última parte da aula, os alunos gravaram uma trilha nova, com percussão, efeitos e vozes. Ao final, conseguimos gravar a trilha de dois dos trailers apresentados.

5.3. Criando Trilhas Sonoras por meio do *Band Lab*

Nesta aula, foi possível mostrar os trailers gravados e em seguida, apresentar o aplicativo *Band Lab*. Foi solicitado para que os alunos baixassem o aplicativo em seus celulares. Os alunos foram separados em grupos para mostrar como utilizar o aplicativo. O objetivo, era fazê-los não usarem músicas baixadas da internet, e perceber que poderiam criar suas próprias trilhas sonoras.

De início, os alunos puderam explorar e mexer livremente na parte operacional do aplicativo, já que são acostumados com aplicativos de celular em geral. Foi apresentado como eles poderiam construir alguma composição dentro do *loop*. Essa atividade mostrou um interesse bastante relevante, e cada grupo se dispôs a criar. Em uma turma havia um aluno que já conhecia o aplicativo e acabou ajudando através de uma mediação com os colegas.

5.4. Tocando baião no *Band Lab*

Nesta aula, foi realizado o ritmo do Baião por meio do método O Passo. Assim, a música Asa Branca foi adaptada para que os alunos pudessem reproduzir uma batida no ritmo de 4 vozes no aplicativo. Enquanto montava uma guia de Asa Branca na tela da TV, eles puderam ver também como era feito e como dividir o tempo no gráfico. Os próprios alunos colocaram o ritmo no aplicativo. A atividade funcionou bem e alguns alunos conseguiram ficar próximos ao ritmo do baião. Todavia, outros optaram por composições próprias no processo. Eles entenderam que, no aplicativo, cada tempo era dividido em 4 partes. Então, no processo visual, eles conseguiram mexer melhor no aplicativo com as explicações. As três turmas utilizaram o

aplicativo, criaram, experimentaram e apreciaram bastante o resultado. Em todas as turmas o resultado foi bastante positivo quando começaram a compor no aplicativo e a gravar instrumentos, com bastante participação e interesse de deixar o registro deles.

6. Considerações Finais

Essa foi minha primeira experiência de Estágio Supervisionado em uma escola da rede pública no qual me deparo com uma realidade, infelizmente, muito corriqueira, de a escola não ter professores de música (efetivos ou temporários) e, muito menos, estrutura para as aulas de música, apesar de a disciplina de música ser obrigatória no contexto escolar de acordo com a Lei nº13.278/2016. Outro problema está na falta do cumprimento da lei que rege o estágio (11.769/2008), a qual estabelece que o supervisor deve ter formação ou experiência profissional na área de conhecimento do estagiário, o que não é garantido, devido à alta demanda de professores formados em música e poucos concursados na área.

Porém, o fato de ter um professor supervisor da área de artes visuais nos trouxe um desafio interessante de conseguir adaptar as regências, unindo as duas áreas de forma interdisciplinar. E isso só foi possível devido ao preparo teórico das disciplinas que antecederam o estágio na escola, e as diversas leituras que fizemos durante o curso de graduação em Licenciatura em música.

Em todas as turmas o resultado foi bastante positivo quando começaram a compor no aplicativo e a gravar instrumentos, com bastante participação e interesse de deixar o registro deles. Não trabalhamos muitos conteúdos de forma expositiva nessa aula mas, no todo, conseguimos bastante gravações com participações dos alunos e atingir o objetivo de ter trilhas sonoras criadas pelos mesmos. Como destaca Hentschke e Del Ben (2003, p. 188), “o compromisso do educador musical é possibilitar ao aluno a descoberta de um universo de significados intersubjetivos que só o contato com a música nos permite”.

Os alunos pré-adolescentes estão muito ligados à música que conhecem e, com a era da internet e a visão de entretenimento mercadológico do produto “música”, nos impossibilita bastante de mostrar de forma contextualizada, o que eles podem alcançar com o seu fazer musical. Buscamos nas atividades desenvolvidas, trazer à tona a bagagem musical dos alunos. Eu e meu parceiro de estágio procuramos identificar os gostos musicais dos alunos, se tocavam um instrumento ou se já haviam tido alguma experiência prática com música. Em grande parte,

os alunos tinham um contato com instrumentos de forma extra escolar, mas nunca de forma a acompanhar um conjunto, ou criar algo musical em grupo. Daí a importância de desenvolver uma autonomia no projeto pedagógico do estágio, visando todo tipo de adaptações com o objetivo de uma educação musical que Lucy Green denominou "musicalidade crítica". De acordo com a autora,

> […] inclui a ideia de que todas as músicas podem ser escutadas mais ou menos analiticamente, com maior ou menor compreensão, […] tal aumento também poderia levar a uma maior conscientização de como a indústria musical funciona. Por exemplo, as/os estudantes começam a decifrar a mão da indústria musical na manipulação da produção dos músicos (Green apud Narita, 2019, p. 126-127).

As experiências pessoais dentro dos estágios nos diferentes espaços de atuação geram muitas reflexões. Algumas delas são a vontade de desistir. Outras vezes, a vontade de fazer algo que realmente mude essas situações para melhor. Todavia, percebemos que nossa experiência nos proporcionou um aprendizado muito grande, nos dando uma boa ideia do que iremos encontrar em nosso futuro profissional.

7. Referências

ALVES, Bernardo Marquez. Trilha Sonora: o cinema e seus sons. *Novos Olhares*, 1(2), 90-95, 2012. https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2012.55404. Acesso em: 16 jul. 2025.

ALVES, Guilherme Giglio Barbosa. Trilhas sonoras em turmas de 1º ano do ensino fundamental: ensino-aprendizagem de música com multimídias. *Orfeu*, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 267–293, 2021. DOI: 10.5965/2525530406022021267. Disponível em: https://revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/19050. Acesso em: 16 jul. 2025.

BRASIL. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 26 set. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11788.htm. Acesso em: 16 jul. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, referente ao ensino da arte. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 3 maio 2016. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20152018/2016/Lei/L13278.htm. Acesso em: 16 jul. 2025.

FRANÇA, Cecília Cavalieri; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. *Em Pauta*, Porto Alegre, v. 13, n. 21, p. 5–41, dez. 2002.

HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana. Aula de Música: do Planejamento e avaliação à prática educativa. In: HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana, (Org). *Ensino de música:* propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Moderna. 2003.

MADUREIRA, José R. O modelo C(L)A(S)P de Keith Swanwick no contexto do ensino de dança. *Repertório*, (33), 2019. https://doi.org/10.9771/r.v0i33.32011

MATEIRO, Teresa; BORGHETTI, Juliana. Identidade, conhecimentos musicais e escolha profissional: um estudo com estudantes de Licenciatura em Música. *Música Hodie*, Goiânia, v. 7, n. 2, p. 89-108, 2007.

MATEIRO, Teresa; TÉO, Marcelo. Os relatórios de estágio dos alunos de música como instrumento de análise dos processos de planejamento. *Revista da ABEM*, 11(9), 2014.

NARITA, Flávia Motoyama. Pedagogias musicais dialógicas: uma reflexão sobre os modelos de Keith Swanwick e Lucy Green. In CORRÊA, Antenor Ferreira; NARITA, Flávia Motoyama (Orgs.). Ensino e Pesquisa em Artes: experiências no âmbito do ProfArtes. Goiânia: Gráfica UFG, 2019.

PEREIRA, Marcus V. Medeiros. Estágio supervisionado em música: decompondo a prática para tornar visível o conhecimento pedagógico. *InterMeio: Revista do programa de pósgraduação em educação* – UFMS, 28(55), 66-93, 2022. https://doi.org/10.55028/intermeio.v28i55.17237

ROMANELLI, Guilherme Gabriel Ballande. Antes de falar as crianças cantam!: considerações sobre o ensino de música na educação infantil. *Rev. Teoria e Prática da Educação*, v. 17, n. 3, p. 61-71, Setembro/Dezembro 2014.

SHIOZAWA, Priscilla Harumi; PROTÁSIO, Nilceia. O estágio supervisionado na licenciatura em música e o desenvolvimento da autonomia. *InterMeio*: Revista Do Programa De PósGraduação Em Educação - UFMS, 23(45), 2017. Disponível em https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/5077. Acesso em: 16 jul. 2025.

TONI, Anderson. Prática, ensino e aprendizagem de música a partir de um eixo temático no Ensino Médio. *Música na Educação Básica*, [S. l.], v. 13, n. 16, p. e131609, 2024. DOI: 10.33054/MEB131609. Disponível em: https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/296. Acesso em: 16 jul. 2025.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE). Resolução nº 104/2021. Aprova o Regulamento de Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório dos Cursos de Licenciatura da Universidade de Brasília. Anexo Específico do Curso de Licenciatura em Música. Brasília, DF, 2021. Publicada no Boletim de Serviço da UnB, nº 50, de 20 jan. 2022. Disponível em: https://www.unb.br/legislacao. Acesso em: 16 jul. 2025.